



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.41.113.A006>

## **A pandemia e o luto sob o olhar psicanalítico: uma revisão de literatura**

*The pandemic and grief under the psychoanalytical view: a literature review*

---

Gabriela Oliviera Lourenço  
Centro Universitário de Ourinhos  
<https://orcid.org/0000-0002-5586-3909>  
[lourenco.gabrielaoliveira@outlook.com](mailto:lourenco.gabrielaoliveira@outlook.com)

Eduardo Toshio Kobori  
Centro Universitário de Ourinhos  
<https://orcid.org/0000-0002-0846-0680>

### Resumo

O objetivo deste artigo consiste em discutir os impactos que a sociedade vivenciou, no que concerne ao luto e ao sofrimento psíquico, durante o período da pandemia da COVID-19. A Psicanálise, sob esse aspecto, pode nos auxiliar a compreender tais fenômenos, como no processo transitório vivido pelo enlutado, em cujo modo de subjetivação consegue se desvencilhar do objeto perdido e reiterar os investimentos em outros objetos. Emprega, portanto, novos significados às perdas. Para embasamento científico dessa análise, adota-se como método a Revisão Sistemática de Literatura, que consiste na busca de artigos nas bases de dados BVS-PSI e SciELO, publicados entre os anos de 2019 e 2022 e determinou-se os descritores: COVID-19, luto e depressão. Visando conceber o quanto essas perdas, em essencial as do período pandêmico, têm gerado sentimentos de medo e tristeza, afetos de angústia, além de sensações de desamparo e incompletude, constata-se uma sólida sustentação para traçar aspectos de distinção entre um estado de luto interminável e as possíveis evoluções em quadros patológicos como o aumento de quadros depressivos. Ademais, o escopo da investigação proposta concentra-se em compreender como a impossibilidade das realizações de rituais instituídos pela sociedade dificulta a elaboração da perda, seja real ou simbólica. Consequentemente, a análise viabiliza e amplia o entendimento social contemporâneo atrelado à importância de um olhar humanizado em relação aos processos inerentes ao luto. Sob esse viés busca-se fomentar o debate e o conhecimento científico sobre temas atuais e de suma relevância, não apenas para a psicologia, mas para toda a comunidade científica.

**Palavras-chave:** Luto; Luto patológico; Depressão; Sars-cov-2; COVID-19; Pandemia.

### Abstract

*The purpose of this article is to discuss the impacts that society has experienced, with regard to grief and psychological suffering, during the period of the COVID-19 pandemic. Psychoanalysis, under this aspect, can help us to understand such phenomena, as in the transitory process experienced by the bereaved, in whose mode of subjectivation he manages to get rid of the lost object and reiterate the investments in other objects. It employs, therefore, new meanings to losses. For the scientific basis of this analysis, the Systematic Literature Review is adopted as a method, which consists of searching for articles in the BVS-PSI and SciELO databases, published between 2019 and 2022, and determining the descriptors: COVID- 19, grief and depression. Aiming to conceive how much these losses, essentially those of the pandemic period, have generated feelings of fear and sadness, feelings of anguish, in addition to feelings of helplessness and incompleteness, there is a solid support to outline aspects of distinction between a state of mourning interminable life and the possible evolutions in pathological conditions such as the increase in depressive conditions. Furthermore, the scope of the proposed investigation focuses on understanding how the impossibility of carrying out rituals instituted by society hinders the elaboration of loss, whether real or symbolic. Consequently, the analysis enables and expands the contemporary social understanding linked to the importance of a humanized look in relation to the processes inherent to mourning. Under this bias, the aim is to encourage debate and scientific knowledge on current and extremely relevant topics, not only for psychology, but for the entire scientific community.*

**Keywords:** Mourning; Pathological grief; Depression; SARS-CoV-2; COVID-19; Pandemic.

### Resumen

*El propósito de este artículo es discutir los impactos que ha experimentado la sociedad, en relación al duelo y al sufrimiento psicológico, durante el período de la pandemia de COVID-19. El psicoanálisis, bajo este aspecto, puede ayudarnos a comprender tales fenómenos, como en el proceso transitorio que vive el doliente, en cuyo modo de subjetivación logra deshacerse del*

*objeto perdido y reiterar las investiduras en otros objetos. Emplea, por tanto, nuevos significados a las pérdidas. Para la base científica de este análisis, se adopta como método la Revisión Sistemática de Literatura, que consiste en buscar artículos en las bases de datos BVS-PSI y SciELO, publicados entre 2019 y 2022, y determinar los descriptores: COVID-19, duelo y depresión. Con el objetivo de concebir cuánto estas pérdidas, esencialmente las del período pandémico, han generado sentimientos de miedo y tristeza, sentimientos de angustia, además de sentimientos de impotencia e incompletitud, existe un sólido sustento para esbozar aspectos de distinción entre un estado de el duelo de la vida interminable y las posibles evoluciones en estados patológicos como el aumento de estados depresivos. Además, el alcance de la investigación propuesta se centra en comprender cómo la imposibilidad de realizar los rituales instituidos por la sociedad dificulta la elaboración de la pérdida, ya sea real o simbólica. En consecuencia, el análisis posibilita y amplía la comprensión social contemporánea vinculada a la importancia de una mirada humanizada en relación a los procesos inherentes al duelo. Bajo este sesgo, se pretende fomentar el debate y el conocimiento científico sobre temas de actualidad y de suma relevancia, no solo para la psicología, sino para toda la comunidad científica.*

**Palabras clave:** Duelo; duelo patológico; Depresión; SARS-CoV-2; COVID-19; Pandemia.

---

### Introdução

Em 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou o surto do novo coronavírus Sars-cov-2, abreviação de Severe Acute Respiratory Syndrome ou Síndrome Respiratória Aguda Grave, comumente conhecida como COVID-19, denominando seu caráter de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPI). Seu elevado potencial de transmissibilidade aliado a taxas de mortalidade exacerbadas e seu amplo caráter geográfico suscitaram a necessidade de que fosse caracterizada como pandemia em 11 de março de 2020 (Rente & Merhy, 2020). Em decorrência disso, o isolamento social, uma das medidas impostas para contenção da doença até que sobreviessem medidas mais efetivas por meio de vacinas ou medicamentos, gerou novas demandas psicológicas em um curto espaço de tempo. (Crepaldi, Schmidt, Noal, Bolze, & Gabarra, 2020; Giamattey, Frutuoso, Bellaguarda, & Luna, 2021). Algumas das demandas, especialmente desse período, emergem das transformações culturais, econômicas e sociais em um curto espaço de tempo, afetam o sujeito, sua subjetividade, bem como suas relações sociais. A solidão advinda do isolamento favorece quadros depressivos, sentimentos de medo e sofrimento. Ao correlacionar o evento traumático, observa-se a intensificação de angústias, ansiedade e estresses. Estes reflexos dificultam o processo de elaboração simbólica da perda, uma vez

que o processo de transitoriedade se baseia em uma reconstrução a partir de aceitação da realidade e investimentos em novos objetos.

Nesse mesmo prisma, essas circunstâncias, se associadas às vivências de lutos repentinos, além de infecções ou mortes sequenciais, em alguns casos com mais de um membro da família, relacionadas também ao cenário instável, atemporal e uma realidade não vivenciada anteriormente, apresentaram-se como fontes potencializadoras de sofrimento psíquico, podendo eventualmente evoluir para o luto patológico, bem como sua relação com a depressão. Portanto, são inegáveis os impactos que a pandemia causou, seja em relação a perdas reais (entes queridos) ou simbólicas, como perdas sociais, econômicas, de tradições histórico-culturais, da fé, entre outras, que, segundo Birman (2020), refletiram em traumas, agravando quadros de ansiedade e depressão, os quais já eram significativos, expondo a vulnerabilidade que a sociedade se encontrava. A afirmativa vai ao encontro do que alerta a OMS desde 2018: a depressão surge como um dos maiores problemas de saúde pública da sociedade. Tais impactos foram repercutidos por diversos países, além do surgimento de variantes do vírus, cujos efeitos serão sentidos por diversos segmentos sociais ao longo dos anos, alterando o curso da história, além de imprimir transformações na sociedade contemporânea (Gajanigo & Souza, 2021).

Outra via pertinente, à qual esse artigo se destina, complementa a primeira colocação e pauta-se em compreender como os protocolos de biossegurança instituem medidas de contenção do aumento dos números de mortes, os quais implementam um sério problema: a ausência de rituais. Apesar das aspirações de adaptação ao contexto, as medidas de impedimento evidenciam que a retirada do espaço para o compartilhamento de tristezas e dores, dificultam o reconhecimento da perda, materializada por meio da representação do corpo velado e da verbalização. Os rituais, portanto, são auxiliares do processo elaborativo, atuando como organizadores psíquicos. A afirmação nos revela a importância da elaboração do luto, constituído de simbolismo cultural, por vezes enraizado nos costumes e valores, dentre diversos outros significados empregados nesse processo, como o da preparação dos corpos ao último desejo realizado. Destarte, compreender o ponto de encontro no cerne dos processos intrapsíquicos e as reverberações causadas pelas ausências desses ritos, é desmistificar um amplo processo

de sofrimento da contemporaneidade e aguçar um olhar atento para um futuro incerto (Giamattey et al., 2022; Verztman, 2020).

Esses argumentos são difundidos por Giamattey et al. (2021, p. 3), ao certificar os ritos como organizadores psíquicos do processo da perda que promovem “[...] bem-estar psíquico, pois, mesmo sofrendo com a perda, o ritual auxilia na organização psíquica da vida sem o ente querido”, amenizam as angústias e sofrimento mediante atos simbólicos e cerimônias culturais ou religiosas, abrindo espaço para manifestações e compartilhamento desses sofrimentos que retiram o sujeito do silenciamento e o conduzem a novos sentidos e autonomia. De acordo com Dantas et al. (2020), funerais e cerimônias religiosas são componentes importantes na elaboração da perda e se caracterizam como facilitadores do atravessamento desta, sendo intrínseco ao meio social e coletivo (Alves, Couto, Santana, Baggio, & Gazarini, 2021; Ribeiro, 2020). Em suma, a ausência dos rituais, deixou lacunas no processo de elaboração, ao produzirem sentimento de irrealidade. Contribuem, também, para que as consequências psíquicas atribuídas à pandemia se prolonguem, até mesmo intensifiquem-se. Fato exposto, o contexto deixa nítida a urgência no que se refere aos cuidados a serem direcionados à saúde mental. Já no que se refere a instrumentos específicos, entrevistas clínicas, observações, questionários, entre outros, estes se apresentam como auxiliares para a abertura e reflexões de novas formas para a elaboração dos traumas e perdas, (Dantas et al., 2020; Crepaldi et al., 2020; Giamattey et al., 2021; Ribeiro, 2020).

### **Objetivos**

Sob essa perspectiva, o embasamento científico desse ensaio adotou como metodologia a Revisão Sistemática de Literatura, a fim de triar artigos que contemplarão a problemática atual, atrelados ao referencial teórico da psicanálise, ao fornecer subsídios conceituais para discutir a questão do luto e a importância dos rituais de despedida, posto que a psicanálise pode ser caracterizada como um método de tratamento e uma disciplina científica, pois fomenta o pensamento crítico, bem como a investigação sobre o psiquismo, conduzindo o sujeito à apropriação de novos sentidos (Zimerman, 1999). Justifica-se essa investigação, portanto, pela sua relevância acadêmica, não se almejando

sanar todas as questões, mas propagar compreensões e discussões científicas que promovam reflexões interventivas acerca do tema.

### **Método**

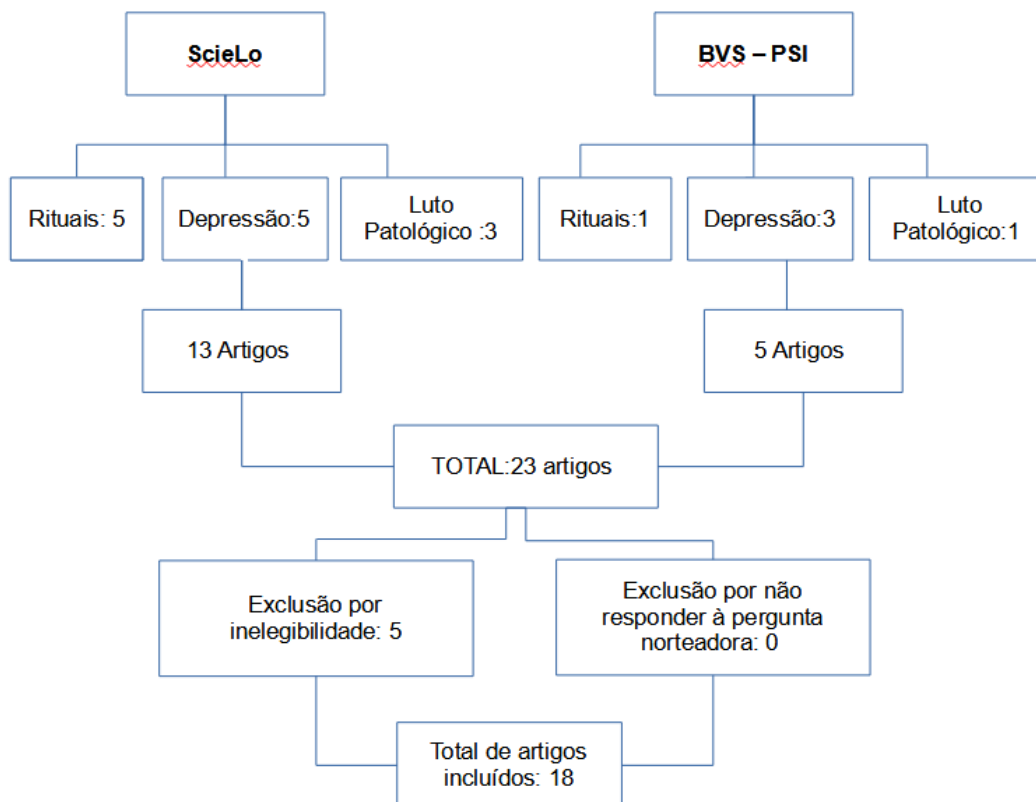
Os materiais e métodos empregados para o desenvolvimento desse artigo se pautam na Revisão Sistemática de Literatura, segundo critérios estabelecidos por Costa e Zoltowski (2014). Seu objetivo primordial é revisar sistematicamente e sinteticamente, artigos triados ao longo da coleta de dados. Portanto, analisa, extrai resultados, levanta discussões sob viés crítico e reflexivo. A revisão possibilita ao pesquisador, aproximação com questões atuais e pertinentes à sua área profissional.

Sendo assim, esse processo se ocupou inicialmente em determinar a investigação do material de maneira sintética, triando os artigos de maior relevância para esse estudo. Para isso, as bases consultadas foram as plataformas eletrônicas *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-PSI). Os descritores utilizados na pesquisa foram selecionados e verificados junto ao DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e consistem em termos que contemplem o fenômeno dessa pesquisa: COVID-19, luto e depressão.

O delineamento metodológico empregado, segundo o método Prisma (Galvão, Pansani, & Harrad, 2015), apresentado na Figura 1, foram artigos referentes à COVID-19 considerando seu ano de publicação, entre 2019 até maio de 2022 que contemplem a perspectiva atual e reflitam o cenário nacional. No que se refere à extração de dados foram selecionados 23 artigos, sendo 18 artigos da plataforma ScieLo e 5 da BVS-PSI, dentre os quais 5 foram excluídos por inelegibilidade, totalizando 18 artigos incluídos. Com o propósito de apresentar detalhadamente a seleção dos artigos, o Quadro 1 demonstra os operadores booleanos e a base de dados dos critérios estabelecidos. Os artigos que não contemplaram o período de 2019 a 2022, bem como os descritores determinados, foram excluídos, com o objetivo de compreender o período recortado, e assim, aproximar-se da pergunta norteadora. Ao desenvolver a síntese dos dados, houve predominância heterogênea e qualitativa dos artigos investigados, acarretando uma síntese narrativa.

**Figura 1.**

*Fluxograma das fases seleção de dados*



*Fonte: Elaborado pela pesquisadora*

**Quadro 1.**

*Seleção dos artigos, considerando-se as bases de dados e operadores booleanos*

| Base de dados/Operadores booleanos | ScieLo | BVS – PSI |
|------------------------------------|--------|-----------|
| Rituais                            | 5      | 1         |
| Depressão                          | 5      | 3         |
| Luto patológico                    | 3      | 1         |
| Total                              | 18     | 5         |
| Selecionados                       | 13     | 5         |

*Fonte: Elaborado pela pesquisadora*

## Resultados e Discussão

Os artigos selecionados apresentam o cenário da pandemia, as alterações nas organizações sociais, psíquicas, suas reverberações e os impactos dela advindos que imprimem novos hábitos cotidianos. Ao apresentarem costumes culturais herdados por intermédio dos rituais e simbolizações, os artigos selecionados versam sobre o passado, enfatizando presente e futuro ao mostrar que a realidade atual, que se instalou rapidamente, impõe novas formas de viver o presente, por meio de adaptações e reflexões acerca do que pode ser feito para amenizar consequências futuras.

### Quadro 2

#### Caracterização dos Artigos

| Artigos | Título   | Autor(es) e Ano                   | Periódico   | Tipo de Estudo |
|---------|--|-----------------------------------|---|----------------|
| 1       | Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas | CREPALDI, M. A. et al. (2020)     | Estudos de Psicologia (Campinas)                      | Qualitativo    |
| 2       | O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia  | DANTAS, C. de R. et al. (2020)    | Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental | Qualitativo    |
| 3       | Escrever o luto  | FIGUEIREDO, E. (2021)             | Revista Estudos Feministas                            | Qualitativo    |
| 4       | A pandemia e o ordinário: apontamentos sobre a afinidade entre experiência pandêmica e registros cotidianos  | GAJANIGO, P.; SOUZA, R. A (2021)  | Sociedade e Estado                                    | Qualitativo    |
| 5       | Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto  | GIAMATTEY, M. E. P. et al. (2022) | Escola Anna Nery Revista de Enfermagem.               | Qualitativo    |
| 6       | Luto e melancolia nas cores de Almodóvar   | LAMARÃO, C. M. F (2020)           | Cadernos de Psicanálise                               | Qualitativo    |
| 7       | Melancolia   | LAPA L. B. P. (2020)              | Estudos de Psicanálise                                | Qualitativo    |
| 8       | Resposta para: Caixa de memórias: sobre possibilidades de  | LUIZ, T. da S. C. et al. (2021)   | . Revista Brasileira de Terapia Intensiva.            | Qualitativo    |



|    |  |   |  |              |
|----|--|---|--|--------------|
|    | suporte ao luto em unidade de terapia intensiva durante a pandemia de COVID-19                     |   |  |              |
| 9  | Sobre a morte e o morrer   | MEIRELES, A. A. V. et al. (2022)        | Brasileira de Educação Médica                          | Qualitativo  |
| 10 | A ilusão de um futuro e o mal-estar na afecção   | MONTEIRO, M. P. (2022)                  | Estudos de Psicanálise                                 | Qualitativo  |
| 11 | Evidências de validade de uma versão brasileira da Fear of COVID-19 Scale                          | PERES, R. S. et al. (2022)              | Ciência & Saúde Coletiva                               | Quantitativo |
| 12 | Quando um morre e o outro sobra em vida: reflexões sobre a morte em tempos de pandemia de covid-19 | POLETTO, A. A. A. (2021)                | Estudos de Psicanálise                                 | Qualitativo  |
| 13 | Luto e não-violência em tempos de pandemia: precariedade, saúde mental e modos outros de viver     | RENTE, M. A. de M.; MERHY, E. E. (2022) | Estudos de Psicanálise                                 | Qualitativo  |
| 14 | Análise on-line! Considerações sobre a transferência   | RIBEIRO, M. M. C. (2022)                | Psicologia & Sociedade                                 | Qualitativo  |
| 15 | A xawara e os mortos: os Yanomami, luto e luta na pandemia da Covid-19                             | SILVA, M. M.; ESTELLITA-LINS, C. (2021) | Horizontes Antropológicos                              | Qualitativo  |
| 16 | COVID-19 pandemic decrease men's mental health: background and consequence analysis                | SOUSA, A. R. de et al. (2021)           | Jornal Brasileiro de Psiquiatria.                      | Qualitativo  |
| 17 | Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19*1                   | VERZTMAN, J.; ROMÃO-DIAS, D. (2020)     | Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. | Qualitativo  |
| 18 | Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia           | ALVES, A. M. et al. (2022)              | Cadernos de Saúde Pública [online]                     | Qualitativo  |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Dentre os artigos selecionados (Quadro 2), quatro foram publicados na revista *Estudos de Psicanálise*, o que expressa a relevância do tema sob a perspectiva psicanalítica; dois foram publicados na revista *Psicologia & Sociedade*, tendo por finalidade a compreensão crítica da psicologia social sob a realidade contemporânea, e outros dois artigos na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* que buscam compreender o desenvolvimento dos estados psíquicos relacionados ao sofrimento e à subjetividade, objetivando um olhar psicopatológico.

### Quadro 3

*Construtos investigados no desenvolvimento da pesquisa*

| Construtos        | Frequência | %           |
|-------------------|------------|-------------|
| Ansiedade         | 4          | 15%         |
| Depressão         | 8          | 30%         |
| Luto patológico   | 6          | 22%         |
| Medo e Sofrimento | 9          | 33%         |
| <b>Total</b>      | <b>27</b>  | <b>100%</b> |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Dos construtos analisados, depressão, além de medo e sofrimento, apareceram com maior relevância entre os artigos selecionados para esta pesquisa. Segundo Crepaldi et al. (2020), medidas adotadas para contenção da disseminação do SarsCov2 (COVID-19) impactam a saúde mental ocasionando ansiedade, depressão e estresse, como discriminados nos construtos da Quadro 3, onde o tema depressão aparece em 30% dos artigos durante o período.

As mudanças bruscas e o impedimento da realização de rituais funerários podem dificultar a elaboração da perda, uma vez que rituais são organizadores e facilitadores para a resolução do luto e tais práticas auxiliam para a minimização dos sofrimentos. Este pensamento é corroborado pelas ideias de Dantas et al. (2020) também afirmarem a importância dos rituais como auxiliadores do processo do luto, pois contêm em si todo o simbolismo cultural, além de exprimirem o comportamento da sociedade. As imposições de medidas de segurança promovem sofrimento e irrealidade, dificultando este processo, visto que o velar, o compartilhamento da dor e raiva, o caminho para o sepultamento e os dias seguintes são de elaboração da perda do ente querido. Já as circunstâncias decorrentes das mortes por COVID-19, transferem a dor para um espaço distinto,

inapreensível, de desamparo, solidão e abandono. Os sentimentos de culpa, incompletude, raiva, injustiça e/ou desejos inconscientes de morte associados a diversas perdas, dificultam sua elaboração, podendo, dessa forma, evoluir para um luto interminável (Poletto, 2021). Em contraponto, é indispensável o cuidado ao definir o luto como patológico/interminável, pois seu processo exige uma transitoriedade, um espaço para compreensão e reinvestimento em novos objetos. O processo ocorre para cada sujeito de modos específicos, a seu tempo, como também a seus modos de subjetivação, nesse sentido, o diagnóstico requer atenção. Observar de forma ampla os acontecimentos, atrelando-os a análise dos mecanismos psíquicos do sujeito, viabiliza um diagnóstico assertivo (Giamattey et al., 2022).

Dantas et al. (2020) afirmam que os rituais funerários e cerimônias de despedidas se adaptam ao contexto com o objetivo de cumprir as exigências de distanciamento. Entretanto, tais tentativas de adaptações desses rituais são insuficientes, geram sentimento de culpa pela incapacidade de controle em relação a contaminações, vinculada a impossibilidade de despedidas e favorecem a complicação do luto, como sustentam os autores: “Um fato agravante da pandemia é a impossibilidade de despedida, o que pode favorecer a complicação do luto. Um segundo aspecto relevante, é a culpa pela contaminação, seja pela transmissão, descuidos por familiares ou pelo próprio paciente” (Dantas et al., 2020, p.14). Os impedimentos dos rituais se colocam como complicadores da elaboração do luto, devido a não possibilitarem o compartilhamento da dor por meio da verbalização ou dos atos públicos da expressão de afetos (Giamattey et al., 2021).

O posicionamento altruísta dos profissionais da saúde foi importante para a criação de espaços acolhedores, ao conceberem meios para que as despedidas ocorressem, proporcionando novas formas de contato entre pacientes e familiares por meio de chamadas de vídeo, até mesmo adaptações como no caso das *memories boxes*<sup>1</sup> (Luiz, Silva Filho, Ventura, & Dresch, 2021). Estas adaptações para, de alguma maneira, se preservar e realocar as formas de rituais, são imprescindíveis para a contenção de angústias e expressão de sentimentos, conduzem para a significação. Em função disso, é de suma importância a sensibilidade atrelada ao conhecimento instrumentalizado,

---

<sup>1</sup> Intervenção neonatal que utiliza uma caixa de memórias, adaptada ao período da pandemia da COVID-19 para dar suporte aos enlutados.

inerente aos profissionais de saúde. A consideração da singularidade do enlutado é válida, com a ressalva de que a vivência da dor inicialmente se dará no coletivo (Dantas et al., 2020; Giamattey et al., 2022).

Constatou-se uma predominância entre os autores em discorrer sobre Medo e Sofrimentos em nove artigos da triagem alcançado o percentual de 33% da pesquisa realizada. Com a finalidade de compreender a problemática ao envolver a morte frente a um cenário instável, os autores desta amostra afirmam que sentimentos de medo e sofrimento apresentam-se de forma mais acentuada durante o período, bem como possuem relação devido a maneira com que se concebe a morte e a ritualiza (Verztman, 2020; Sousa et al., 2021; Poletto, 2021; Gajanigo, 2021; Peres et al., 2021; Monteiro, 2021; Meireles et al., 2022; Dantas et al., 2020; Silva & Estelita-Lins, 2021). Além desse apontamento, a crítica levantada por Silva e Estelita-Lins (2021) acerca do medo e o risco de contaminação serem instituídos como forma de normalizar protocolos de segurança sanitária e estabelecerem dilaceração na rede de afetos e a tentativa de controle governamental sobre a vida. Ressaltam o controle ser transmitido e imposto, tendo o propósito de gerar pânico, medo e controle populacional.

Medidas preventivas contra a COVID-19 em relação a infecção favorecem o aumento de ansiedade e estresse, representando 15% dos construtos analisados. Um dos fatores para o aumento da ansiedade se dá em torno das impossibilidades das realizações de rituais tradicionais, correlacionado ao isolamento, dificuldades financeiras, alterações no trabalho, conflitos em relacionamentos familiares, adaptações repentinas de rotina, entre outros (Sousa, et al., 2021; Silva & Estelita-Lins, 2021). Contribuem também para o aumento de quadros clínicos pré-existentes, tais como transtornos obsessivos compulsivos, os quais são evidenciados por sintomas repetitivos, rituais de limpeza excessiva. Segundo os autores, pensamentos obsessivos, estresse e ansiedade generalizadas seguido de comportamento fóbico-obsessivo, foram os quadros clínicos desencadeados durante a pandemia. Tais quadros afetam o cotidiano, as atividades rotineiras e a qualidade de vida poderiam se caracterizar como uma maneira de amenizar as angústias, inobstante ocasionam mais angústias. Como validam Peres et al. (2021), estudos anteriores já apontavam que quadros clínicos de sofrimento psíquico podem ser agravados em detrimento de desestabilizações sociais e econômicas associadas a

epidemias. De acordo com Sousa et al. (2021), o estresse causado por desestabilizações, podem favorecer o desenvolvimento de distúrbios e trauma continuado, medo, angústia, insônia, sintomas somáticos e/ou estados depressivos.

A crítica levantada pelos autores Silva e Estelita-Lins (2021) acerca dos protocolos de biossegurança se pauta em como as práticas epidemiológicas desconsideraram a cultura nativa, ignorando seus rituais, com o objetivo de conter a disseminação do vírus. Constatou-se que o povo Yanomami sentiu seus direitos de ritualização da perda violados ao perceber que um dos indivíduos da aldeia, infectado e levado ao hospital, não retornou. Este fato gerou medo e ansiedade em seus membros, bem como resistência à procura de ajuda médica. Para além desse episódio, durante décadas houve alterações na maneira de como se lida com a morte e a ritualiza, sendo naturais, no passado, comunicados, notícias e anúncios públicos. Aos poucos, o luto das viúvas que vestiam preto como simbolismo da perda, além dos rituais de despedida caseiros, compartilhados com a família e amigos próximos, se alteraram, destinando a morte para outros espaços, como às Unidades de Terapia Intensiva (UTI), em que se altera a experiência da morte, levando a mortes solitárias. A institucionalização da morte afasta o sujeito do sofrimento, uma forma de defesa manifestada pelas pessoas próximas (Monteiro, 2021). Apesar das adaptações ou imposições trazidas pelo período reportado, a ausência do velar promoveria uma dúvida simbólica sobre se a perda por morte de fato ocorreu, pois muitos não puderam vivenciá-la e assim, materializá-la. Assim como aponta Monteiro: “Na situação atual, a necessidade de negar a morte é a única possibilidade para muitos que não conseguem se haver com a sua fragilidade e sua finitude” (Monteiro, 2021, p. 132). Sem alcançar a compreensão, os enlutados utilizam-se de mecanismos de defesa primitivos como forma de negação, visando suportar a situação indesejada ou sensação de desproteção. Outro aspecto preponderante é o distanciamento do homem com a sua finitude. As formas de se vivenciar a morte influenciam seu atravessamento, favorecendo o quadro de ansiedade da morte (medo excessivo da própria morte ou de outras pessoas) e agravando casos de fobias, transtorno de ansiedade e transtorno obsessivo compulsivo (Meireles, Amaral, Souza, & Silva, 2022). Isto vai ao encontro da assertiva de Alves et al. (2021) de que o estresse facilita a evolução do luto complicado, podendo resultar em estados ansiosos ou depressão.

Ao examinar o luto patológico, constata-se uma amostra de 22% dos artigos. Portanto, assinala-se a proximidade entre luto e pandemia. Ao versar anteriormente sobre o luto legítimo, caracterizando-o como um período transitório, o qual é superado, tem-se, em contraposição, o luto não elaborado, o qual pode se tornar patológico, como em casos depressivos, manias repetitivas, entre outras formas de vazão de angústias e sofrimento. Percebe-se um componente relevante para esse estudo, ancorado sob a ótica de Verztman e Romão-Dias (2020, p. 279) para esclarecer dada diferenciação. Considera-se, assim, o luto como “[...] uma forma de sofrimento caracterizada por um rearranjo de nossas relações com o mundo e com nós mesmos diante da subtração de um objeto ao qual estivemos, em parte significativa de nossa existência, ligados”. Por consequência, o enlutado consegue, a seus modos de subjetivação, desligar-se do objeto perdido e reinvestir em um novo objeto. Trata-se de um tempo transitório de reorganização libidinal de investimentos e um processo elaborativo. Contextualizar o luto com o período da pandemia é um processo mais complicado (Verztman & Romão-Dias, 2020; Lapa, 2020). A conceituação é validada por Dantas et al. (2020) que designa ser o luto uma experiência singular, influenciada por valores culturais e crenças, ou seja, a tentativa de sua descrição é efêmera, pois se relaciona com fatores desencadeadores da morte, características individuais e o contexto cultural. Inicialmente o enlutado seria atingido pelo choque. Posteriormente, existe a ambivalência entre a tentativa de sobrevivência pela perda da pessoa amada em termos psíquicos, versus a sensação de não reconhecimento da perda gerada pela negação. Em um terceiro momento, há dispêndio de investimento de energia. Segundo os autores Verztman e Romão-Dias (2020) e Lamarão (2020), alicerçados na perspectiva freudiana, o luto cumpre seu trabalho à medida que realiza desligamento libidinal livre e o ego pode reinvestir em um novo objeto. Para que isso ocorra, o princípio de realidade deve operar sob o psiquismo, reconhecendo a morte ocorrida.

Deste ponto de vista, o questionamento quanto à natureza da perda e como ela acarreta um estado permanente de melancolia é determinado por algumas variantes, sendo uma delas as perdas sucessivas que podem se transformar em dor, sofrimento exacerbado e sensações de paralização. Nessa perspectiva, pode-se entender que a melancolia é caracterizada como quadro patológico. Uma estrutura psíquica e de adoecimento distinta do luto, o qual se reporta a um momento processual o qual tende a ser superado. Assim,

em ambos há a perda de interesse pelo mundo, no entanto, na melancolia ocorreria a regressão da libido para o eu (Lamarão, 2020). Nesse mesmo alicerce freudiano, cujos pensamentos também são propagados por Poletto (2021) para quem o ponto chave para a diferenciação entre luto e melancolia, é que no luto não haveria perda da autoestima. Sabe-se o que se perdeu, tendo, portanto, um objeto definido, sofre-se de maneira penosa, abrupta, com profunda tristeza, de maneira processual e lenta, porém tende a ser superado após um período.

Após levantar os elementos mais presentes nos artigos triados, discorreu-se sobre sentimentos de sofrimento como medo, estados de ansiedade, estresse, além de sintomas depressivos no contexto pandêmico, tocantes por intenso trabalho psíquico, para a elaboração de lutos simbólicos, legítimos e/ou patológicos, experienciados de maneiras singulares pela sociedade contemporânea. Como complemento da análise, reserva-se, então, o espaço a seguir, para a compreensão dos traumas deixados pela COVID-19. Para isso fez-se necessário revisitar o entendimento de catástrofe e trauma, como explanado por Verztman e Romão-Dias (2020, p.284): “O momento da pandemia do COVID-19 é um momento de catástrofe, tanto no que tange ao seu potencial traumático quanto ao seu violento clamor por transformação.” Desse modo, para a psicanálise, o trauma se configura como algo inconcebível ao sujeito, onde há a tendência de evitar entrar em contato com a situação que lhe causa dor. Ponto de vista afirmado por Figueiredo (2021), ao ressaltar que se gera uma briga dialética dentro de si, esforçam-se para não lembrar, mas os pensamentos emergem, não o deixando esquecer. Nessa perspectiva, na tentativa de alcançar a elaboração, esses conteúdos se manifestarão por meio de sonhos, pensamentos recorrentes, sintomas, entre outros. Seria uma forma estratégica de defesa. Embora nem tudo seja trauma, tampouco ambos os conceitos de catástrofes e traumas tenham a mesma conceituação teórica, cabe aqui discutir os conceitos que dialogam com a discussão levantada. O trauma para Verztman e Romão-Dias (2020), tem por característica ser uma experiência incompreensível pelo sujeito, afeta-o a ponto de o transformar ou destruir. Nesse aspecto, influencia a construção da subjetividade, ao moldar a vida e as futuras relações. É válido o cuidado de que nem tudo é trauma. No entanto, ele é parte significativa das construções e singularidades do sujeito em si. Por catástrofe, designa-se uma drástica transformação, ao alterar e impor uma nova realidade

infamiliar. Por vezes essa realidade retoma antigas vivências. A ameaça à vida humana advinda do exterior atinge essencialmente o âmbito social, expõe os sujeitos a vulnerabilidades perante a situação apresentada. Para além disso, incluem alterações psíquicas. Nessa nova condição, as experiências podem se apresentar potencializadoras de vivências coletivas de dor e sofrimento. Ainda sob o ponto de vista dos autores, Verztman e Romão-Dias (2020), a catástrofe conduz à instauração do trauma na vida das pessoas, expondo-as à vulnerabilidade, configurando, assim, uma experiência coletiva de dor, além de se relacionar com memórias subjetivas e estranhas do sujeito (Verztman & Romão-Dias, 2020). De acordo com Rente e Merhy (2020), a COVID-19 pode ser considerada um trauma coletivo, pois consiste em uma ameaça à vida compostas por perturbações, sejam mentais ou físicas. O trauma busca a reestruturação do sujeito consigo mesmo e com a sociedade e comunidade. Em vista disso, almejando triar uma resolução para o trauma, entende-se ser por intermédio da escuta, a qual pode auxiliar na elaboração do luto, que se produz espaço para vivenciá-la, pode-se dissipar os traumas, favorecendo a abertura de novos sentidos, além de realocação da morte ou enfermidade (Rente & Merhy, 2020).

Em última análise, observa-se o quanto a COVID-19 afetou a população mundial de maneira significativa com possíveis reverberações futuras. Nesse quesito, deve-se ter o olhar atento à naturalização da utilização de medicamentos na sociedade contemporânea, essencialmente ansiolíticos, os quais têm a finalidade de evitar o contato com a dor e promover alívio ao sofrimento de maneira fugaz, pela exigência de respostas cada vez mais rápidas, e isso se aplica ao uso de substâncias, bem como diagnósticos patológicos cravados sem muita cautela. Ao traçar uma analogia com a ausência dos rituais, pois também retira o espaço da elaboração da dor, verifica-se que os medicamentos retiram parte importante do processo do luto, inviabilizam o compartilhamento do sofrimento, contribuem para dificuldades da elaboração das perdas. O processo do luto deve ser respeitado, levando em conta diversos aspectos apresentados pelo sujeito, considerando sua subjetividade intrinsecamente associada ao contexto psicossocial em que se insere (Alves et al., 2022).



### **Considerações finais**

Os desdobramentos do luto e inúmeras perdas reais ou simbólicas sofridas durante o período da pandemia da COVID-19 estão intrinsecamente relacionados com sentimentos de incompletude e vazio. A afirmação sugere que nos atentemos ao desenvolvimento do processo do luto e da depressão relacionados a este período. O primeiro problema apresentado foi a impossibilidade de realização dos rituais histórico-culturais e simbolizações contidos no momento de despedida, expressos por meio do último desejo realizado, a preparação do corpo, as últimas homenagens prestadas, o espaço de tempo para se sentir a dor e o compartilhamento do sofrimento entre familiares e amigos por meio do velar. Tais atos demonstram que o corpo em si é carregado de significados e evidencia que somos seres carecedores de trocas de afetos. Além disso, o corpo contém um universo de estruturas simbólicas e coletivas e nele se darão as dores, traumas, sonhos e realizações. Se se pensar na perspectiva de que o que toca a alma, antes tocará o corpo, compreende-se o quanto a impossibilidade imposta pela crise sanitária mencionada é potencializadora de sofrimentos, medo e tristeza. Então tem-se um segundo problema: estes sentimentos também podem se manifestar por outras perdas, tidas como simbólicas, impostas nesse período, tais como perdas financeiras, perdas das atividades e papéis sociais, de apoio emocional, liberdade, entre tantas que podem favorecer o desenvolvimento de patologias como a depressão. Portanto, a suspensão de funerais, o luto por entes queridos ou lutos simbólicos associados a um período de isolamento incisivo podem ocasionar desdobramentos patológicos. A identificação correta atrelada à escuta qualificada é indispensável para a compreensão do real estado psíquico do paciente, além da importância do espaço do sentir como finalidade de vazão para o processo fundamental e penoso, encarregado pelo luto de desligamento libidinal do objeto perdido associado às suas lembranças e reiteração a um novo objeto, que se darão em período e maneiras de elaboração subjetivas, tendo por finalidade o retorno ao estado anterior ou próximo ao que o enlutado se encontrava.

## Referências

- Alves, A. M., Couto, S. B., Santana, M. d., Baggio, M. R., & Gazarini, L. (2021). Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(9). doi:<https://doi.org/10.1590/0102-311X00133221>
- Birman, J. (2020). *O trauma na pandemia do coronavírus* (1 ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Costa, A. B., & Zoltowski, A. P. (2014). Como escrever um artigo de revisão sistemática. Em S. H. Koller, M. C. Couto, & J. V. Hohendorff, *Manual de Produção Científica* (pp. 55-70). Porto Alegre: Grupo A.
- Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Noal, D. d., Bolze, S. D., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia*, 37. doi:<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>
- Dantas, C. R., Azevedo, R. C., Vieira, L. C., Côrtes, M. T., Federmann, A. L., Cucco, L. d., . . . Cassorla, R. M. (2020). O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(3). doi:<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>
- Figueiredo, E. (2021). Escrever o luto. *Revista Estudos Feministas*, 29(3). doi:<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n379375>
- Gajanigo, P., & Souza, R. A. (2021). A pandemia e o ordinário: apontamentos sobre a afinidade entre experiência pandêmica e registros cotidianos. *Sociedade e Estado*, 36(01), pp. 37-60. doi:<https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136010003>
- Galvão, T. F., Pansani, T. d., & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: a recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), pp. 335-342. doi:<https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- Giamattey, M. E., Frutuoso, J. T., Bellaguarda, M. L., & Luna, I. J. (2021). Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. *Escola Anna Nery*, 26. doi:<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>
- Lamarão, C. M. (2020). Luto e melancolia nas cores de Almodóvar. *Cadernos de Psicanálise*, 42(43), pp. 57-74. Fonte: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952020000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952020000200003&lng=pt&tlng=pt)

- Lapa, L. B. (2020). Melancolia. *Estudos de Psicanálise*, 53, pp. 143-148. Fonte: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372020000100016&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372020000100016&lng=pt&tlng=pt)
- Luiz, T. S., Silva Filho, O. C., Ventura, T. C., & Dresch, V. (2021). Resposta para: Caixa de memórias: sobre possibilidades de suporte ao luto em unidade de terapia intensiva durante a pandemia de COVID-19 [Resposta dos Autores]. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, 33(2), pp. 337-338. doi:<https://doi.org/10.5935/0103-507X.20210045>
- Meireles, A. A., Amaral, C. D., Souza, V. B., & Silva, S. G. (2022). Sobre a morte e o morrer: percepções de acadêmicos de Medicina do Norte do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 46(2). doi:<https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.2-20210081>
- Monteiro, M. P. (2021). A ilusão de um futuro e o mal-estar na afecção. *Estudos de Psicanálise*, 55, pp. 129-134. Fonte: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372021000100013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100013&lng=pt&tlng=pt)
- Peres, R. S., Frick, L. T., Queluz, F. N., Fernandes, S. C., Priolo Filho, S. R., Stelko-Pereira, A. C., . . . Cortez, P. A. (2021). Evidências de validade de uma versão brasileira da Fear of COVID-19 Scale. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(8), pp. 3255-3264. doi:<https://doi.org/10.1590/1413-81232021268.06092021>
- Poletto, A. A. (2021). Quando um morre e o outro sobra em vida: reflexões sobre a morte em tempos de pandemia de covid-19. *Estudos de Psicanálise*, 55, pp. 113-119. Fonte: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372021000100011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100011&lng=pt&tlng=pt)
- Rente, M. A., & Merhy, E. L. (2020). Luto e não-violência em tempos de pandemia: precaridade, saúde mental e modos outros de viver. *Psicologia & Sociedade*, 32. doi:<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240329>
- Ribeiro, M. M. (2020). Análise on-line!: Considerações sobre a transferência. *Estudos de Psicanálise*, 54, pp. 57-64. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372020000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372020000200007&lng=pt&tlng=pt)
- Silva, M. M., & Estelita-Lins, C. (2021). A xawara e os mortos: os Yanomami, luto e luta na pandemia da Covid-19. *Horizontes Antropológicos*, 27(59), pp. 267-285. doi:<https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000100014>
- Sousa, A. R., Moreira, W. C., Queiroz, A. M., Rezende, M. F., Teixeira, J. R., Mercês, M. C., . . . Camargo, E. L. (2021). COVID-19 pandemic decrease men's mental health: background and consequence analysis. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 70(2), pp. 141-148. doi:<https://doi.org/10.1590/0047-2085000000327>

Verztman, J., & Romão-Dias, D. (2020). Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(2), pp. 269-290. doi:<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>

Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.